

Oliver Twist

CARLOS DICKENS

Oliver Twist

Tradução
Machado de Assis
Ricardo Lísias

São Paulo 2002

Copyright © Hedra, 2002

Capa
Camila Mesquita

Projeto gráfico
Antonio Carlos da Cunha
Fabiana Pinheiro

Produção gráfica
Fabiana Pinheiro

Revisão
Rita Sam
Iuri Pereira

Nota editorial: os textos reproduzidos na orelha e na quarta capa foram extraídos dos seguintes livros: Carpeaux, Otto Maria. *Ensaíes reunidos, 1942-1978*. Rio de Janeiro, Topbooks/UniverCidade, 1999; Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda & Rónai, Paulo. *Mar de histórias* vol. 5. 4ª. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dickens, Charles, 1812-1870

Oliver Twist / Charles Dickens; tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias
— 1a. edição — São Paulo: Hedra, 2002.

Título original: Oliver Twist.

ISBN 85-87328-26-3

1. Romance inglês I. Assis, Machado de, 1839-1908. II. Lísias, Ricardo. III. Título.

00-0299

CDD-825

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura inglesa 825

[2002]

EDITORA HEDRA
rua fradique coutinho, 1139 - 2º andar
05416-011 São Paulo - SP - Brasil
telefone/fax: (011) 3097 8504
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

CHARLES JOHN HUFFMAN DICKENS NASCEU EM LANDPORT, arredores de Portsmouth, em 7 de fevereiro de 1812. Considerado o escritor mais típico da Inglaterra, trabalhou como operário até os quinze anos e viu seu pai ser encarcerado por não conseguir pagar suas dívidas. Em 1827 empregou-se como escrevente de cartório, emprego no qual pôde aprender a estenografia que o levaria mais tarde a conseguir um lugar como repórter-estênógrafo do *Morning Herald*. Em 1833 publicou uma série de crônicas da vida londrina, reunidas em 1836 sob o título *Sketches by Boz (Esboços de Boz)*. Publicou em seguida em folhetins o romance *Pickwick papers (Documentos de Pickwick)*. Em 1836 casou-se com Catherine Hogarth, com quem teria dez filhos. Dois anos depois publicou *Oliver Twist*, romance de enorme sucesso em que Dickens, inspirado em sua infância e na Londres da época, denuncia a desumanidade das casas de trabalho que acolhiam as pessoas pobres. O tema desse e de outros romances — *Nicholas Nickleby* (1838-39), *Old curiosity shop (Loja de antigüidades)*, 1840), *Barnaby Rudge* (1841), por exemplo — leva Dickens a assumir um papel de reformador social. Nessa época vai aos EUA, de onde voltaria decepcionado com o materialismo presente na democracia americana. Em 1843 publicou *Christmas Carol (Contos de Natal)* livro que bem expressa o paternalismo essencialista de Dickens. Quando já gozava de uma celebridade que ultrapassava os limites da Inglaterra, procurou sintetizar em uma narrativa suas idéias morais no romance que muitos considerariam sua obra-prima, *David Copperfield* (1849-50). A infância rude de Dickens, além de outros aspectos da vida na Inglaterra de seu tempo, estão aí retratados de modo ora dramático ora ameno. Publicou ainda *Bleak house (Casa desolada)*, 1852), *Hard times (Tempos difíceis)*, 1854) e *Little Dorrit (A pequena Dorrit)*, 1857), todos imbuídos de um profundo pessimismo e desencanto com os homens e as instituições de sua época. Em 1857 abandonou a esposa para unir-se a uma jovem atriz, Ellen Ternan. Charles Dickens morreria em 9 de junho de 1870, em Gadshill, Rochester, deixando inacabado um romance policial *The mystery of Edwin Drood (O mistério de Edwin Drood)*, 1869-70).

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1839. De família humilde, foi criado pela madrasta. Antes de trabalhar para a imprensa, atividade que exerceu durante praticamente toda a vida, empregou-se como tipógrafo. Praticou a poesia, o teatro, a prosa, o ensaio e a crônica, tendo-se destacado como notável contista e romancista. Como tradutor, além de Charles Dickens e Vítor Hugo, trouxe para o português Alphonse de Lamartine, William Shakespeare, Alfred de Musset e Edgar Allan Poe, entre outros. A partir da publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), passou da posição de bom escritor para a de prosador mais notável das letras brasileiras. Às *Memórias* seguiram-se *Quincas Borba* (1892) e *Dom Casmurro* (1900), entre algumas coletâneas de contos. Apesar de ter ficado conhecido como personalidade tímida e reservada, manteve contato com os principais intelectuais de sua época e fundou a Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1908.

RICARDO LÍSIAS tem vinte e seis anos, nasceu e sempre viveu em São Paulo. Mestre em Literatura Brasileira, doutorando na mesma área, publicou em 1999 o romance *Cobertor de estrelas*, que agora está sendo traduzido para o espanhol e o galego. Atualmente, divide com o ilustrador Newton Foot a autoria da série “Turma dos Direitos”, uma coleção de livros destinada ao público infantil cujo principal tema é a Convenção pelos Direitos da Criança; o primeiro livro, *Sai da frente, vaca brava!* foi publicado em 2001 e o segundo, *Greve contra a Guerra*, está no prelo. Além disso, traduziu para o português o livro *Flor do deserto*, de Waris Dirie, para colaborar na luta contra a mutilação genital feminina. Enquanto prepara seu segundo romance, publicou a novela *Capuz* na forma de uma plaquete não comercial.

Índice

Apresentação	9	Capítulo xxvii	197
Capítulo I	23	Capítulo xxviii	205
Capítulo II	27	Capítulo xxix	213
Capítulo III	37	Capítulo xxx	217
Capítulo IV	41	Capítulo xxxi	223
Capítulo v	47	Capítulo xxxii	229
Capítulo VI	55	Capítulo xxxiii	233
Capítulo VII	59	Capítulo xxxiv	239
Capítulo VII	65	Capítulo xxxv	245
Capítulo IX	71	Capítulo xxxvi	249
Capítulo X	77	Capítulo xxxvii	253
Capítulo XI	81	Capítulo xxxviii	261
Capítulo XII	87	Capítulo xxxix	269
Capítulo XII	95	Capítulo XL	277
Capítulo XIV	103	Capítulo xli	283
Capítulo xv	111	Capítulo xlii	291
Capítulo XVI	117	Capítulo xliii	299
Capítulo XVII	125	Capítulo xliv	307
Capítulo XVIII	133	Capítulo xlv	313
Capítulo XIX	139	Capítulo xlvi	317
Capítulo XX	147	Capítulo xlvii	325
Capítulo XXI	155	Capítulo xlviii	331
Capítulo XXII	161	Capítulo XLIX	337
Capítulo XXIII	167	Capítulo L	345
Capítulo XXIV	175	Capítulo LI	353
Capítulo XXV	181	Capítulo LII	363
Capítulo XXVI	187	Capítulo LIII	371

Apresentação

O leitor não tem em mãos, de maneira nenhuma, uma tradução convencional. No começo de 1870, respondendo a um convite dos proprietários do recém fundado Jornal da Tarde, Machado de Assis aceitou a tarefa de verter para o português o badalado romance Oliver Twist. O tradutor não tinha uma ponta sequer do prestígio que lhe trariam os romances publicados a partir de 1881; ainda assim conquistara certo respeito no meio literário por conta de seu trabalho na imprensa como crítico e comentarista político. Tal fama, acrescida das necessidades particulares do gênero folhetinesco, permitiu que Machado ousasse enormes liberdades na iniciativa de trazer Charles Dickens para o público brasileiro. O resultado final, ainda que seja um trabalho incompleto, é extremamente curioso e permite, além do interesse mais propriamente histórico e literário do assunto, alguns instantes de reflexão acerca do ofício de traduzir.

Antes de mergulhar, contudo, no trabalho de Machado, vale destacar que a edição seriada caracterizou quase que a totalidade da primeira publicação dos textos de Charles Dickens. É certo que o enorme sucesso que atingira em vida, raro para um escritor de sua época, deve-se em parte à circulação dos jornais em que colaborava. Aliás, a recepção de seus escritos garantiu-lhe, além da fama, certo conforto financeiro também incomum para um autor daquele período.

Segundo Grahame Smith, a serialização é uma das principais marcas literárias do romance dickensiano¹. Não é erro creditar certa queda pelo mistério e também um uso freqüente do elemento descritivo — questões que às vistas de alguns críticos diminuiriam o valor de parte dos textos — às necessidades próprias do gênero folhetinesco de suspense, por um lado, e de volume, por outro.

¹ "The crucial point to make about Dickens in this regard is that he wrote serially for serial publication. In other words, as has already been pointed out, his novels were written discontinuously in separate segments, usually as a result of two weeks' writing a month, and then published in this form with a minimum of revision". Grahame Smith, Charles Dickens – A literary life, New York, St. Martin's Press, 1996, p. 21. [Uma tradução aproximada do trecho seria: "sobre Dickens, o ponto crucial é o fato de que ele escrevia de maneira seriada para publicações seriadas. Conforme já foi apontado, suas novelas eram escritas de forma descontínua e em fragmentos, costumeiramente realizando o trabalho de um mês em duas semanas, e então publicando-o com um mínimo de revisão".]

Oliver Twist *surgiu para o público, pela primeira vez, em 1837 nas páginas do Bentley's Miscellany. A publicação continuou com grande sucesso até 1839. Um ano antes, segundo informa Smith², o romance foi publicado, ainda antes da conclusão do folhetim, por Richard Bentley.*

Não é difícil identificar, aqui e ali, as marcas de folhetim em Oliver Twist. Além da sucessão quase contínua de aventuras, às vezes anunciadas para criar efeito de suspense, e outras lançadas com surpresa para aguçar a curiosidade do leitor, a própria construção da trama, tecida por meio de personagens que, se não são complexas, ao menos representam fielmente o principal traço que Dickens lhes confere, parece favorecer a publicação seriada.

Dessa forma, o pequeno Oliver, cujo destino é o motor do romance, vê-se o tempo inteiro confrontado com fatos que lhe aconteceram em um passado próximo e que terão importância fundamental para o seu futuro. O mistério, que sempre deixa o leitor ávido pelo próximo capítulo, está justamente no desvendamento das origens de Oliver. Como tal revelação é crucial para seu destino, está engatilhado o desenrolar da trama: o tempo presente serve para esclarecer o passado que será determinante para o futuro. Não há como deixar passar um capítulo, portanto.

Não vou, claro, adiantar o enredo do livro. Mesmo assim, pode ser interessante destacar dois momentos que ilustram às maravilhas os procedimentos de folhetim manipulados por Dickens. O primeiro, apontado por Kathleen Tillotson³, está no desenvolvimento do caráter da personagem Nancy, central para a solução da trama. Segundo Tillotson, nada até o capítulo XVI indica que Nancy tornar-se-ia protetora de Oliver frente ao grupo de bandidos e, ainda mais, chegaria a traí-los apenas para garantir ao menino o futuro que lhe era justo. Ao que parece, Dickens transformou a personagem, já que o romance gestava-se enquanto era publicado, para adequá-la à trama.

Outro ponto digno de nota, ligado ao anterior, é o brutal assassinato de Nancy. A dramaticidade de sua morte garante fôlego suficiente para que o folhetim continue renovado: ao mistério que envolve a vida da personagem principal soma-se o desespero do assassino, perseguido pela própria crueldade, e a caçada que a cidade de Londres, no fim quase inteira, impõe-lhe. Para marcar a força da cena, basta registrar que Dickens costumava lê-la em excursões e sempre causava perplexidade, quando não horror, nos teatros em que se apresentava.

² Op. cit., p. 17.

³ Apud Grahame Smith, p. 35.

Não resta dúvida que, se o folhetim tiver sido mesmo “a fusão admirável do útil com o fútil, o parto curioso e singular do sério consorciado com o frívolo, como classificou-o Machado de Assis”⁴, Dickens conseguiu forjar muito bem tal união.

O folhetim, moda na Europa, não passou evidentemente ao largo da atenção de Machado de Assis. Desde cedo, o bruxo empregou-se em redações de jornal, conseguindo sustentar-se ou por meio de crônicas e críticas, ou através da publicação seriada de seus romances e, como no caso de Oliver Twist, da realização de traduções. Ainda em 1859, Machado reconhece a importância do jornal para a circulação do pensamento:

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções⁵.

Ao entendê-lo como um lugar de manifestação plural, o jornal torna-se um espaço de convivência intelectual acessível a todos:

Uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência⁶.

Consigo, o jornal traz o folhetim:

O folhetim é originário de França, onde nasceu e onde vive a seu gosto, como em cama de inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno: falo do jornal⁷.

Como homem de jornal que foi durante quase toda a vida, Machado não poderia ter deixado de praticar, com certo sucesso, o folhetim.

⁴ Obras completas, vol. 3, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, s/d, p. 959.

⁵ Op. cit., p. 945.

⁶ Op. cit., p. 947.

⁷ Op. cit., p. 959.

Quincas Borba, *um de seus romances mais importantes, foi publicado entre 15 de junho de 1886 e 15 de setembro de 1891 pelo quinzenário A Estação*⁸. *A revista dirigia-se ao grande público e trazia nas suas páginas textos para a família, recortes de costura e notícias de costume. Evidentemente, Machado precisou adequar-se, não sem dificuldade para a receita que vinha adotando desde as Memórias póstumas de Brás Cubas, ao público da revista. Eugênio Gomes escreve que o célebre romance teve “a sua primeira divulgação delimitada a um círculo de leitores, porventura muito aquém das sutilezas de suas intenções”*⁹. *Quincas Borba sai em livro ainda em 1891, mesmo ano da conclusão do folhetim, muito modificado, com algumas passagens suprimidas e outras acrescentadas. Machado, portanto, trabalhava na publicação do volume enquanto concluía a colaboração para a revista, adequando o texto, acertando passagens e eliminando as marcas próprias do folhetim, o que demonstra clara compreensão da diferença entre os gêneros*¹⁰.

A consciência do gênero, aliás, é bem anterior à redação dos romances de maturidade de Machado de Assis. Já em 1874, ao publicar A mão e a luva, o bruxo ressalta em nota as particularidades do texto escrito para ser um folhetim:

*Esta novela, sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor. Se a escrevera em outras condições, dera-lhe desenvolvimento maior, e algum colorido mais aos caracteres, que aí ficam esboçados*¹¹.

A mão e a luva foi escrito pouco depois de Machado abandonar a tradução de Oliver Twist. A crítica ainda não chegou a perceber, a despeito das grandes diferenças, certas semelhanças entre os enredos dos dois folhetins ou, se se quiser, romances.

O romance de Dickens desenvolve-se a partir do cruzamento de duas linhas que, a certo momento, confundir-se-ão: por um lado, a luta de uma

⁸ A informação está na edição de Quincas Borba publicada pela Comissão Machado de Assis em 1969.

⁹ A observação foi publicada na mesma edição da Comissão Machado de Assis.

¹⁰ John Gledson, no entanto, afirma que, ao contrário do que acontecera com o Brás Cubas, em que Machado foi feliz ao adequar o folhetim ao formato do livro, no caso de Quincas Borba o esforço não foi inteiramente bem sucedido. Cf. John Gledson, Machado de Assis – Ficção e história, São Paulo, Paz e Terra, 1986, p. 66.

¹¹ Machado de Assis, A mão e a luva, São Paulo, Ática, 1998. Ao contrário do que estranhamente afirma, Machado tinha sim o hábito de praticar o folhetim.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

